

SERRA DE ITABAIANA: UM ATRATIVO ECOTURÍSTICO EM POTENCIAL*

FERNANDA DOS SANTOS LOPES CRUZ**

LUIZ CARLOS DE MENEZES***

MARIA AUGUSTA MUNDIM VARGAS****

INTRODUÇÃO

O turismo é a atividade que mais cresce no mundo, sendo a maior fonte de emprego e renda, e no Brasil, no ano 2000, foi responsável por 4% do PIB, cerca de US\$ 22,3 bilhões (EMBRATUR, 2002)¹. Tais números indicam o quanto é viável investir na atividade turística para dar retornos financeiros a países como o Brasil, possibilitando o seu crescimento e desenvolvimento.

O Brasil possui uma grande diversidade de riqueza natural e cultural, além de paisagens que encantam, tornando-se um atrativo em potencial. São florestas, praias, rios, mangues, cânions, chapadas, serras, entre outros, possuidores de uma biodiversidade e de clima que propiciam ao visitante grande variedade de destinos turísticos.

Nas últimas décadas, cresceu a preocupação com a preservação do meio ambiente, porque populações de animais e vegetais estavam sendo dizimadas para promover o crescimento econômico do mundo, comprometendo

* Pesquisa realizada entre o período de agosto de 2002 e julho de 2003 através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC/ CNPq e do PRODEMA, da Universidade Federal de Sergipe.

** Graduanda em Geografia/Licenciatura pela UFS e bolsista PIBIC/CNPq no período de 2002 a 2004.

*** Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo PRODEMA/ UFS.

**** Professora pesquisadora do PRODEMA e do NPGeo/ UFS.

¹ EMBRATUR. O turismo na economia nacional: a revolução silenciosa. In: Revista Embratur: Brasília, 2002.

também assim o futuro da humanidade, por não mais possuírem condições ideais de vida.

Diante da preocupação com o meio ambiente, nos últimos anos, medidas para a difusão da sustentabilidade e da preservação foram tomadas, entre as quais a mais significativa foi a implantação de programas de Educação Ambiental voltados para estudantes, visitantes e comunidades locais, pois acredita-se que a educação seja um caminho seguro para a adoção de uma consciência, seja ela política, social e ambiental.

A sustentabilidade tornou-se primordial e vem sendo valorizada para favorecer a Economia, assim como a natureza, e foi com essa preocupação em manter a biodiversidade brasileira que o Governo Federal criou a Política Nacional do Meio Ambiente (1981), tendo entre os seus objetivos o de implantar e gestar as Unidades de Conservação (U.C.). Estas unidades têm a função de preservar e conservar, para fins educativos, científicos, estéticos e recreativos (inclusive o ecoturismo), os patrimônios naturais e culturais do país, revertendo assim a renda gerada nestas localidades para o desenvolvimento da comunidade e para a preservação do meio ambiente (BRASIL, 1981)².

Inserido na atual concepção da sociedade para manter e preservar os ecossistemas, o ecoturismo foi proposto como uma modalidade turística que tem como pressuposto não apenas tirar proveito econômico da natureza, mas, acima de tudo, contribuir para a preservação ambiental e manutenção da população autóctone de forma sustentável.

A Serra de Itabaiana é tomada como referência neste trabalho, pois a sua condição de Estação Ecológica, em implantação por mais de 20 anos, faz com que o estudo de suas potencialidades como atrativo ecoturístico se torne uma alternativa viável de consumo e preservação da natureza. O projeto criado pela antiga Secretaria do Meio Ambiente (SEMA) no final da década de 1970 objetivava preservar uma das mais belas e ricas diversidades ecológicas e geomorfológicas de Sergipe, a Serra de Itabaiana. O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Amazônia Legal (IBAMA) ficou encarregado de dar continuidade ao projeto para a implantação da Estação Ecológica da Serra

² BRASIL. Lei nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação. Brasília, DF, 02 set. 1981.



de Itabaiana, projeto este que mantém os objetivos iniciais de preservação da serra das ações antrópicas, voltando-se somente para fins de estudo e pesquisa. Todavia, até o presente, apenas uma pequena área encontra-se sob a guarda do IBAMA, restando grande parte do conjunto da serra sem definição de uso e de exploração de suas potencialidades.

A Serra de Itabaiana, localizada entre os municípios de Itabaiana e Areia Branca, detém uma biodiversidade significativa associada a práticas culturais importantes para os sergipanos. Ela dista apenas 40 km da capital, Aracaju, e sobressai na paisagem com seus 659 metros de altitude. Esse conjunto natural e de valores culturais a torna elemento atrativo para a prática da atividade ecoturística.

A atratividade, em conjunto com a busca de uma melhor forma viabilizar o desenvolvimento sustentável através da prática ecoturística, constitui a essência dessa pesquisa, que tem como objetivo levantar o potencial ecoturístico como estudo básico para avaliação da sustentabilidade dessa prática na Serra de Itabaiana.

REVISÃO DA LITERATURA

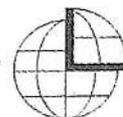
O TURISMO E SUA HISTÓRIA

Para Andrade, 1995³; Barreto, 2001⁴ e Ruschmann, 1997⁵, o turismo moderno se desenvolveu atrelado ao processo capitalista, tornando-se mais um viés da reprodução do capital. Foi com a Revolução Industrial que o sistema capitalista se fortaleceu, sedimentado na divisão do trabalho e promovendo o desenvolvimento tecnológico, que proporcionou o crescimento da atividade turística, enquanto o primeiro determinou quem poderia usufruir do prazer de viajar.

³ ANDRADE, J. V. *Fundamentos e dimensões do turismo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

⁴ BARRETTO, M. *Manual de iniciação do estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

⁵ RUSCHMANN, D. M. *Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.



É no século XX que o turismo se torna um sistema organizado e composto por vários setores que deram suporte ao desenvolvimento e ao crescimento da atividade. De acordo com Andrade (1995)⁶, as operadoras de turismo começam a proliferar por toda a Europa e Estados Unidos, como também as agências de viagens, que em conjunto com as companhias aéreas necessitavam de local para colocar as suas filiais; os hotéis deixam de ser familiares e tornam-se hotéis de rede, padronizados, impessoais e com os mais variados tipos de hospedagens. Nesse período surgem as primeiras escolas de hotelaria na Suíça, com o objetivo de qualificar o atendimento e padronizar os tipos de serviços oferecidos.

O turismo deixa de ser uma atividade de saúde e prazer para atender a novas demandas, surgindo assim novas modalidades de turismo.

Os impactos negativos das modalidades de turismo voltadas somente para o crescimento da economia de determinada cidade ou localidade, sem planejamento e controle, acrescidos da atual preocupação da sociedade com a questão ambiental, deram condições para o fortalecimento da atividade turística associada com a preservação da natureza, o ecoturismo.

MODALIDADES DO TURISMO

Segundo Seabra (2001, p. 7)⁷, "ao configurar-se como uma das atividades econômicas mais rentáveis do mundo, o turismo vem despertando interesse crescente tanto nos países desenvolvidos, como nos países subdesenvolvidos". Estes passaram a observar o rendimento gerado pelo turismo nos países do primeiro mundo e começaram a adotar o turismo como uma alternativa de crescimento econômico.

O turismo é reconhecidamente uma das atividades econômicas mais importantes da atualidade, considerado por governos e comunidades como uma ótima, e às vezes como a única alternativa para o desenvolvimento local.

⁶ Vide nota 3

⁷ SEABRA, G. de F. *Ecossistemas do turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas*. Campinas, SP: Papirus, 2001.



Por ser uma atividade de prestação de serviços que se desenvolve no setor produtivo, o turismo se materializa conectado a inúmeras outras atividades que, em seu conjunto, são denominadas de "Indústria do Turismo". Dessa forma, o turismo se tornou objeto de estudo de diversas áreas científicas que buscaram compreendê-lo e desenvolvê-lo, tornando-o objeto de várias disciplinas. Entre muitas, é objeto da Economia por ser atividade geradora de emprego e renda; da Psicologia, ao estudar a sensação de prazer que o turismo proporciona; da Administração, ao focar todos os seus instrumentos para administrar uma empresa e fazer o seu marketing promocional; da Sociologia, ao analisar a interferência do turismo na comunidade receptora; da Biologia, ao educar e conscientizar os visitantes para questões ecológicas e de preservação, buscando manter a sustentabilidade socioambiental, e da Geografia, ao proporcionar à sociedade análises da organização socioespacial, ampliando o conhecimento sobre a interação do homem com o meio ambiente.

Face aos múltiplos recortes de concepções científicas e ao caráter funcionalista dominante no sistema capitalista, a atividade turística foi, e ainda vem sendo, desdobrada em inúmeras tipologias tais como: turismo de lazer, de congressos e eventos, cultural e religioso, de saúde, de terceira idade, de saúde, negócios, rural, de aventura, ecoturismo...

Entre estas modalidades de turismo, o ecoturismo vem tendo maior relevância atualmente no mundo (EMBRATUR, 2002)⁸, por propiciar à sociedade o contato com a natureza e garantir a sustentabilidade socioambiental. Em comunidades alocadas no entorno de áreas naturais protegidas, onde é restrito o uso da terra e dos recursos naturais, a modalidade mais adequada para essa realidade é o ecoturismo (KINKER, 2002)⁹.

⁸ EMBRATUR. O turismo na economia nacional: a revolução silenciosa. In: Revista Embratur: Brasília, 2002.

⁹ KINKER, S. *Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais*. Campinas, SP: Papirus, 2002.



ECOTURISMO E SEUS PRESSUPOSTOS

A valorização da natureza e a preocupação com sua preservação ganharam ênfase nos anos 70, quando os grandes centros capitalistas perceberam que os recursos naturais, fonte de matéria-prima para a produção, poderiam se extinguir e causar danos à qualidade de vida da população e comprometer o futuro das próximas gerações. Nessa época, o mundo se voltou para essa problemática e a Organização das Nações Unidas promoveu a Conferência de Estocolmo (1972), para discutir as implicações do modelo de desenvolvimento no meio ambiente e na qualidade de vida.

Na década de 1980, o conceito de desenvolvimento sustentável foi criado para alicerçar compromissos para um futuro comum da humanidade (FGV, 1988)¹⁰, conceito este cujos pressupostos foram desenvolvidos por Sachs (1999)¹¹ através das dimensões de sustentabilidade que fundamentam o ecoturismo (KINKER, 2002)¹².

O ecoturismo baseia-se em quatro condições básicas: respeito às comunidades locais; envolvimento econômico efetivo das comunidades locais; respeito às condições naturais e conservação do meio ambiente e interação educacional - garantia de que o turista incorpore para a sua vida o que aprende em sua visita, gerando consciência para a preservação da natureza e dos patrimônios histórico, cultural e étnico (EMBRATUR/IBAMA, 1994)¹³.

O de ecoturismo, segundo a EMBRATUR/IBAMA (1994),¹⁴ "é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas".

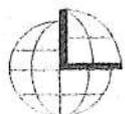
¹⁰ FGV. *Nosso futuro comum* - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 1988 (Relatório Brundtland).

¹¹ SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: *Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Curitiba: Editora da UFPR, n° 24, 1999.

¹² Vide nota 9

¹³ EMBRATUR/IBAMA. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília, 1994.

¹⁴ Vide nota 13.



A tomada da consciência ambientalista provém de práticas educativas acerca da relação homem, natureza e cultura e da busca da sustentabilidade. O ecoturismo vem, segundo Irving (2002)¹⁵, como um veículo de apreensão da consciência ambiental na sociedade, onde, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma proposta sustentável de turismo deriva de estratégias de Educação Ambiental. Nesse contexto, o ecoturismo busca a integração dos turistas ao local visitado, através do desenvolvimento de atividades condizentes com a prática ambiental, para que estes possam internalizar o hábito sustentável ao seu cotidiano, além de orientar as comunidades inseridas no atrativo ecoturístico, ou no seu entorno, a buscarem, de forma também sustentável, o seu desenvolvimento e a melhoria na qualidade de vida.

Nos últimos anos do século passado, o governo brasileiro, juntamente com órgãos e instituições relacionadas com o turismo e meio ambiente, buscou fomentar um plano de desenvolvimento da atividade ecoturística com o intuito de conhecer essa nova atividade, seus benefícios e planejar e aplicar diretrizes para a prática da atividade no país.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o ecoturismo, na indústria do turismo, é o segmento que mais cresce no mundo, em torno de 20%, enquanto o turismo cresce anualmente 7,5%. Interessado em obter essa fatia de mercado, a partir de 1985 o ecoturismo passou a ser discutido no Brasil, onde comissões foram criadas para instituir um Programa Nacional de Ecoturismo (1994), compostas por órgãos e instituições de turismo (EMBRATUR) e ambientais (IBAMA), para discutir com o *Trade* (empresas que lidam com a atividade turística) sobre a melhor maneira de nortear o desenvolvimento regional do ecoturismo.

A conscientização da sociedade relativamente às questões ambientais tem contribuído para o crescimento da demanda por atividades ecoturísticas. De fato, a forte percepção mundial acerca da necessidade urgente de proteção e recuperação

¹⁵ IRVING, M. Educação ambiental como premissa ao desenvolvimento do ecoturismo. In: VASCONCELOS, F. (Org). *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: UECE, 1998. p. 295-301.



dos recursos naturais, originárias, principalmente, da disseminação dos movimentos conservacionistas empreendidos por grupos ambientalistas, forças políticas e meios de comunicação, acabam por influenciar a escolha dos destinos e roteiros a serem programados (EMBRATUR/IBAMA, 1994)¹⁶.

Nesse contexto, buscando atender aos novos anseios da sociedade, como também, entendendo o ecoturismo como alternativa de geração de emprego e renda para as populações afetadas com a criação de Unidades de Conservação - UC's, e a viabilidade de se obter financiamento para a proteção dos recursos naturais e culturais, bem como auxiliar a administração das áreas de conservação, a nova Lei nº 9.985, de 18/07/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), trouxe vários incentivos para a utilização do ecoturismo em áreas protegidas.

Esta lei estabelece que toda UC tem como objetivo preservar e conservar para fins científicos, educativos, estéticos e recreativos todo o patrimônio natural e cultural em seu alcance, assim como, laboratórios voltados para pesquisa "in loco".

Esse interesse em implantar a política de ecoturismo em conjunto com instituições ligadas ao meio ambiente deveu-se ao fato de o Brasil ter uma potencialidade ecoturística com grandes atrativos naturais e culturais, além de uma extensão continental. Esta diversidade permitiu agrupar em um só país diferentes zonas climáticas e geomorfológicas, dando condições para gerar a sua imensa biodiversidade florística e faunística, além de possuir uma das mais ricas manifestações culturais do mundo, formadas pela fusão de legados do povo negro, índio e branco.

Os geossistemas compreendidos no território brasileiro vão desde a floresta amazônica, maior complexo hídrico-fluvial da terra, até os geofácies costeiros, passando pela Mata Atlântica, pantanal, cerrado, caatinga, araucárias, campos e manguezais. Tais geossistemas estão protegidos por Lei Federal e podem ser enquadrados nas modalidades de UC's instituídas na Lei do Sistema Nacional de Unidade de Conservação - SNUC, entre elas a Estação Ecológica,

¹⁶ Vide nota 13.



que não permite o acesso para visitação pública, somente para fins científicos e educativos, modalidade inicialmente escolhida para ser implantada na Serra de Itabaiana, objeto deste estudo.

METODOLOGIA

A metodologia científica permite uma percepção aproximada da realidade, mediante a observação sistemática e controlada de determinados elementos ou ocorrências (variáveis), selecionadas a partir de concepções teóricas acerca do objeto de estudo (DENKER, 2001). A referida autora afirma que o método científico é um conjunto de regras ou critérios que servem de referência no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões em relação a questões ou problemas específicos.

A Organização Mundial de Turismo formulou a seguinte definição para a metodologia turística: "Conjunto de métodos empíricos experimentais, seus procedimentos, técnicas e táticas para ter um conhecimento científico, técnico ou prático dos fatos turísticos" (DENKER, 2001, p. 23)¹⁷.

O cronograma criado para as atividades desta pesquisa seguiu os seguintes passos: a definição da metodologia de campo; a coleta de informações bibliográficas e documentais sobre Unidade de Conservação, Desenvolvimento Sustentável, Ecoturismo e sobre o processo de implantação da UC Serra de Itabaiana. A coleta de informações visou à absorção e comparação dos princípios de desenvolvimento sustentável com os constitutivos sociais, culturais e econômicos do ecoturismo.

O trabalho de campo, que constituiu em oito visitas à Serra de Itabaiana, seguiu um roteiro de campo previamente programado. O roteiro constituiu em acompanhar o Riacho dos Negros, desde sua nascente, no topo, até a sua foz na barragem Jacarecica II, com o objetivo de observar, levantar, georreferenciar e fichar os atrativos ecoturísticos. Para sua realização, os pesquisadores foram acompanhados de um guia nativo em todo o seu percurso.

¹⁷ DECKER, A. de F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 2001.



AValiação DO DIFERENCIAL TURÍSTICO

O levantamento bibliográfico e documental oportunizou o conhecimento dos atrativos que caracterizam a atividade ecoturística que, em conjunto com o levantamento de campo, possibilitou a confirmação das potencialidades ecoturísticas da Serra de Itabaiana. A tabela 1, abaixo, sintetiza as dimensões (atrativos) e as variáveis observadas e levantadas nesta etapa.

Tabela 1: Dimensões e variáveis adotadas neste trabalho

DIMENSÕES	VARIÁVEIS
Atrativos naturais	Montanhas, planaltos e planícies, litoral, terras insulares, hidrografia, pântanos, quedas d'água, fontes hidrotermais ou minerais, parques, reservas de fauna e flora, cavernas/grutas/furnas e áreas de caça e pesca.
Atrativos histórico-culturais	Monumentos, sítios, instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer/museus.
Manifestações e usos tradicionais e populares	Festas, comemorações e atividades, gastronomia, artesanato, feiras e mercados.
Realizações técnicas e científicas	Exploração de minério, industrial, agrícola e/ou pastoril, obras de arte e técnica/agenciamento urbano e paisagístico/ pontes/ usinas/ barragens/ eclusas.

Fonte: Beni (2002).

Trata-se de trabalho elaborado por Beni (2002)¹⁸ sobre os atrativos que constituem a atividade turística, considerando a realidade da área de estudo como Estação Ecológica em implantação; o interesse deste estudo entende-se pela sua perfeita adaptação como dimensões e variáveis norteadoras do mesmo.

Ademais, segundo o mesmo autor, para que haja uma maior especificação dos levantamentos que contribuam para uma descrição mais precisa do atrativo, faz-se necessária uma "avaliação do diferencial turístico com o levantamento dos cenários naturais ou artificiais que compõem o campo motivacional do turista e estudo da fisiologia da paisagem". Para Boullón,



apud, Beni (2002)¹⁹ a paisagem depende da presença de um observador para contemplá-la, pois ela não passa de uma idéia da realidade formatada e interpretada seguindo os seus conceitos generalizados de beleza.

Diante do embasamento exposto por Beni (2002)²⁰, segue na tabela 2, abaixo, a seguinte avaliação da paisagem aplicada à realidade da Serra de Itabaiana.

Tabela 2: Avaliação da paisagem aplicada a Serra de Itabaiana

Elementos básicos da paisagem	Topografia: relevo e morfologia do terreno; Vegetação: original ou plantada; Clima: situações atmosféricas perceptíveis; Hábitat: efeitos da ação do homem e condições de habilidade do bioma.
Propriedades da paisagem	Diversidade; Repetição; Unidade; Mudança.
Tipos de paisagem (homogêneas e heterogêneas)	Geológico-geomorfológico; Hidrológico; Fitogeográficos e cinegéticos; Reservas especiais.
Descrição da paisagem	Estrutura; Forma nítida; Diferenciação.

Fonte: Beni (2002)

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS UTILIZADOS

Uma técnica é um sistema de princípios e normas auxiliares do processo de pesquisa e justifica sua utilidade pela otimização de esforços, administração de recursos e apresentação de resultados, por isso é considerada como um conjunto de procedimentos e recursos de que se vale uma ciência para alcançar seus fins (BENI, 2002, p. 416)²¹.

¹⁸ BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. 7 ed. São Paulo: SENAC, 2002.

¹⁹ Vide nota 18.

²⁰ Vide nota 18.

²¹ Vide nota 18.



A pesquisa, por ter-se embasado na sistematização elaborada por Beni, seguiu os seguintes procedimentos:

1. levantamento bibliográfico e documental realizado no acervo da UFS (Biblioteca Central e da pós-graduação - livros, monografias e dissertações), internet e acervo próprio, IBAMA (mapa, processo e projeto de implantação), ADEMA (processo de implantação), SEPLANTEC (mapas), SRH (mapas), EMBRATUR (tipologia e legislação do turismo), EMSETUR (não foi encontrada nenhuma documentação de interesse). De forma geral, esses trabalhos podem ser identificados em 3 tipos:
 - 1.1. Referencial sobre Ecoturismo, Fitogeografia e Geologia;
 - 1.2. Diagnósticos e estudos sobre as potencialidades da Serra de Itabaiana (textos e mapas);
 - 1.3. Leis, programas e processos;
2. caracterização ambiental e paisagística da Serra de Itabaiana. Além do levantamento bibliográfico e documental, foram realizadas visitas para observação da serra, da Estação Ecológica e de seu entorno, focada nos seguintes aspectos:
 - 2.1. topografia da área
 - 2.2. ecossistemas ocorrentes e hábitat
 - 2.3. clima
 - 2.4. recursos hídricos
 - 2.5. aspectos culturais
 - 2.6. paisagem;
3. fichamento das características geoambientais de 54 pontos relevantes da vertente, do vale, do leito e do entorno do riacho dos Negros e do topo da Serra.
 - 3.1. carta topográfica;
 - 3.2. carta geológica;
 - 3.3. carta de uso professora pesquisadora do PRODEMA e NPGeo/UFS. do solo
 - 3.4. carta de recursos hídricos
 - 3.5. ficha de campo previamente elaborada (exemplo: quadro 1);
4. georreferenciamento remoto com o uso de aparelho GPS (Sistema de Posição Global) dos 54 pontos fichados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O procedimento de campo consistiu em acompanhar o roteiro previamente elaborado fazendo um transecto da Serra, baseando-se no Riacho dos Negros. Ele foi percorrido desde sua nascente até a sua foz e os possíveis atrativos ecoturísticos, tanto no leito como nos locais mais afastados da margem foram georreferenciados com o auxílio do GPS. Em consonância com a matriz metodológica, apresenta-se, como exemplo, a ficha do ponto 18 (quadro 1).

Em campo, o ponto de partida foi a sede do IBAMA, localizada em um tabuleiro contínuo de vegetação típica de Restinga e Cerrado. É ponto de visitação e apoio dos estudantes e pesquisadores, possuindo um pequeno museu, com fotografias tiradas da serra e um galpão destinado para palestras sobre a serra e educação ambiental. Ao sair da sede em direção ao Poço das Moças, a estrada corta o tabuleiro arenoso de vegetação típica de Restinga, com a sua biodiversidade, que será relatada posteriormente.

Por este tabuleiro tem-se acesso à Gruta da Serra, localizada em um pequeno vale margeado por Mata Ciliar de médio e grande porte. A gruta é uma descontinuidade das camadas rochosas de variada resistência, na qual o córrego que passa por esse local foi responsável pelo retrabalhamento da litografia, dando origem a uma pequena grotta, de aproximadamente 30m² com uma pequena queda d'água de 5m de altura. É interessante observar a disposição das camadas rochosas que compõem a grotta; na parte inferior encontra-se o embasamento rochoso mais resistente (quartzito), parte sobreposta por conglomerados composto de seixos e cascalhos e, logo acima, pela Formação Barreiras e areia quartzosa.

Logo próximo à gruta, encontra-se o Riacho dos Negros, um dos principais rios da Serra de Itabaiana, por oferecer aos visitantes o atrativo mais visitado, o Poço das Moças. Esse poço é uma marmitta na rocha quartzítica originada pela descontinuidade do relevo e pelo turbilhonamento da água, que deu origem a uma piscina de 25m² e aproximadamente 2m de profundidade. Em todo o leito encontram-se piscinas de variados diâmetros, porém menores do que o Poço das Moças, apresentando características comuns a riachos de leitos rochosos.



Quadro 1- Ficha de campo- ponto 18

LOCAL	Serra de Itabaiana/ Riacho dos Negros
TIPOLOGIA	Nascente do riacho dos Negros (P 18)
NOME	Salão "dos Negros"
GEOREFERÊNCIA	UTM 0680075 8812060
ALTITUDE	400 m
FOTOS	F. 1 n° 24, 25 e 26.
CARACTERIZAÇÃO	<p>O Salão é uma área de aproximadamente 30 m² e 25m de altura, caracterizando-se como um verdadeiro anfiteatro. As camadas de rochas do local assemelham-se a arquibancadas, por estarem dispostas de forma escalonada. O vale à montante do Salão expõe uma falha, constituindo-se em uma grande parede, de aproximadamente 100 de altura. Contém 2/3 da área marginal recoberta pela vegetação Mesófila Semidecídua, com densidade e porte altimétrico variando de pequeno a grande. Contudo, à montante, e correspondente à elevação altimétrica do paredão, a vegetação diminui de porte, densidade e diversidade, apresentando feições de Campos Rupestres. A água percorre o salão através da parede ou das raízes das plantas (pteridófitas, briófitas e árvores), sendo de pouca vazão - sistema de gotejamento ou filete d'água no período de seca e de forma encachoeirada no inverno, e desce margeando o leito próximo à Mata Ciliar, mas converge para o talvegue do córrego à jusante quando encontra outros minadouros ao longo do trajeto. A ação de processos erosivos é constante no local, tanto pela ação da água e temperatura, quanto pela ação dos vegetais, o que contribui para a modelação do relevo. Nos dias chuvosos, com o aumento da vazão do riacho, a enxurrada favorece ainda mais os processos erosivos, levando consigo restos orgânicos, árvores de pequeno e médio porte e rochas de diâmetros médios e pequenos. O acesso ao local é difícil, principalmente no período de chuva, devido ao aumento da vazão e ao acúmulo de líquens na rocha, que a torna mais escorregadia. Deste local pode-se subir até o topo, porém o acesso se torna muito difícil, somente com o uso de cordas e equipamentos de escalada que possibilitam a subida até o topo.</p>



À montante do Poço das Moças, o transecto apresenta uma diversidade de formações vegetais que vão da Mata Atlântica até o Campo Rupestre, passando pelo Cerrado. São mudanças de vegetações que bruscamente se encontram causando mudanças térmicas e biológicas. A Mata Ciliar apresenta-se distribuída ao longo da margem do riacho, adensando-se à medida que se aproxima do "Salão".

Quanto ao Salão, um "anfiteatro" de aproximadamente 50m² encaixado no paredão de 100 m de altura à montante do vale, é constituído por rocha quartzítica e recoberto por Mata Ciliar, de *pteridófitas* e *briófitas*. A água percorre o Salão pela parede e raízes das plantas através do sistema de gotejamento ou filete d'água no período de seca, e de forma encachoeirada no inverno. À jusante, segue margeando o leito próximo à Mata Ciliar, mas converge para o talvegue do córrego quando encontra outros minadouros ao longo do trajeto. Do Salão é possível alcançar o topo da serra pelo leito, porém com uso de cordas e equipamentos de segurança, percurso bastante utilizado por praticantes de *rapel*.

Para chegar até o topo existem várias trilhas, porém, a trilha das 15 cruzeiras é a mais utilizada. Esta trilha foi criada para atender aos devotos católicos que durante a Semana Santa subiam a serra para representar a *Via-crucis* de Cristo. No caminho, vê-se a diferenciação vegetativa, a paisagem do entorno e até o mar. No topo, a vegetação que prevalece é a de Campo Rupestre, porém, encontram-se relíquias de Mata Atlântica aglomeradas em pequenas áreas, bem como grande quantidade de bromélias e orquídeas.

Na vertente Leste, em cima do paredão, tem-se a visão longitudinal do vale do riacho dos Negros. Nesse local, o riacho dos Negros, cuja nascente é logo acima, proporciona no inverno uma pequena, mas bela cascata. Essa cascata foi denominada pelos visitantes e pela população local de "Chuveirão", devido à ação intensa das correntes de ar que empurram para cima parte da água que cai, molhando quem está no topo da vertente.

Já a vertente Oeste proporciona a visão do Agreste e Sertão sergipano, seu pediplano e as serras residuais que circundam o domo de Itabaiana. São vários mirantes localizados na cornija da serra, cada um oferecendo uma visão distinta da paisagem.

As nascentes são outro atrativo, pois surgem em brejos localizados no topo ou pela emersão da água em pequenos buracos na rocha, que convergem e aumentam o volume dos riachos à medida que diminui a altitude.



À jusante do Poço das Moças até a barragem Jacarecica II, encontra-se o Véu das Noivas (seqüência de pequenas cachoeiras com aparência de um véu de noiva, devido à cor da rocha e da espuma da água), várias pequenas piscinas naturais, segmentos de leito em forma de V e diversidade de vegetação, destacando-se a Mata Atlântica na margem direita e o Cerrado na margem esquerda.

SITUAÇÃO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA SERRA DE ITABAIANA

De acordo com o Projeto Básico para Implantação da Estação Ecológica da Serra de Itabaiana (SERGIPE, 1979)²², a área pretendida para estação ecológica é de 4.389 hectares, localizada entre os municípios sergipanos de Itabaiana e Areia Branca, distante aproximadamente 40km da capital, Aracaju, localizada a 10°40'52" de latitude Sul e a 37°25'15" de longitude Oeste. No entanto, apenas 288,54 hectares da área pretendida foram adquiridos pelo IBAMA.

O projeto acima citado baseou-se no Programa de Estações Ecológicas (1973), programa este criado pela Secretaria Especial do Meio Ambiente, órgão do Governo Federal, que objetivava reservar os espaços naturais e preservá-los da ação antrópica, servindo somente como laboratório vivo das Ciências ecológicas. A partir de 1978, o Governo de Sergipe, através da Secretaria Executiva de Controle de Poluição de Sergipe e da Secretaria de Planejamento, delimitou uma área com características específicas e adequadas para servir como estação ecológica, sendo então escolhida a Serra de Itabaiana.

Os fatores que condicionaram a escolha da Serra de Itabaiana para ali se implantar uma estação ecológica, foram: a sua formação geomorfológica, que consiste em um maciço geológico de altitude considerável em relação à planície costeira, de menor altitude, sendo assim um destaque no relevo da paisagem; a localização em uma faixa de transição climática; a diversidade de formações florísticas; a presença de relíquias paleoclimáticas; a presença

²² SERGIPE. Projeto básico para implantação da estação ecológica Serra de Itabaiana. CONDESE - Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe. Aracaju, 1979.



de numerosas nascentes que formam cursos d'água e por se constituir o hábitat de várias espécies de animais da Mata Atlântica.

CARACTERIZAÇÃO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICA

A Serra de Itabaiana, segundo Sergipe (1979)²³, é constituída por um relevo testemunho ou residual do antigo Domo estrutural de Itabaiana, tendo este surgido devido ao processo de soerguimentos e dobramentos na crosta terrestre - cuja parte central foi "esvaziada" por processos contínuos de erosão devido ao clima semi-árido e acentuado no Pleistoceno, restando relevos residuais no entorno desse domo. Ela constitui a base do grupo Miaba (Pré-cambriano) e compreende quartzitos feldspáticos com camadas de metarenitos sílticos e espessos leitos de metassiltitos. Aflora ao redor do "domo" de Itabaiana e na "janela tectônica" de Simão Dias (SANTOS e ANDRADE, 1992, p. 17)²⁴.

Compreendida entre o pediplano sertanejo e a planície costeira, a Serra de Itabaiana tem um formato retangular-ovóide, com a disposição das camadas inclinadas de leste para oeste, cujo *front* se volta para oeste e o relevo mais acentuado para leste. A rocha quartzítica é predominante e responsável por sua altitude cotada de 659m.

Quanto à sua litologia e estrutura, segundo Santos e Andrade (1992)²⁵, a Formação Itabaiana apresenta conglomerados com clastos de embasamento, metarenitos e quartzitos médios a grossos, quartzos finos; filitos às vezes negros; metarenitos conglomeráticos no topo; estruturas paralelas e cruzadas planas e festonadas, ondulações; estruturas de escape de fluidos. Esta formação ocorreu em local marinho raso retrabalhado por marés, correntes e tempestades.

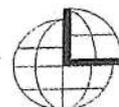
De acordo com SERGIPE, (1979)²⁶, no aspecto físico, a Serra de Itabaiana possui:

²³ Vide nota 22.

²⁴ SANTOS, A; ANDRADE, J. *Delimitação e regionalização do Brasil semi-árido: Sergipe*. Aracaju: UFS, 1992.

²⁵ Vide nota 24.

²⁶ Vide nota 22.



- uma superfície semiplana e ligeiramente inclinada voltada para o leste, de 200 a 250 m de altitude, para onde vão ter os pequenos rios e riachos que drenam a serra por este lado;
- um maciço bem individualizado, que se assenta, pelo lado leste, sobre a superfície anteriormente referida e, no restante, sobre as rochas gnáissicas de idade pré-cambriana pertencentes à formação Itabaiana, do Grupo Miaba;
- possui feitiço alongado na direção SW/NE, elíptico, cujo eixo maior se orienta nesta direção e, o eixo menor, na direção SE/NW;
- possui forma hemisférica e ligeiramente achatada, na qual se observa, sobre a superfície, diversos afloramentos rochosos, como também diversos sedimentos cenozóicos, produto do intemperismo;
- a vertente leste inclinada, de fácil acesso, enquanto a vertente oeste é quase vertical, sendo o acesso quase impraticável.

GEOSSISTEMAS OCORRENTES

O estudo de Cunha (1993)²⁷ é um referencial, pelo fato de ter sido o primeiro autor a abordar a Serra da Itabaiana como um geossistema. De acordo com essa metodologia, os níveis subseqüentes ali ocorrentes são os geofácies Mata Atlântica, Cerrado, Mata Ciliar, Restinga, Campo Rupestre e o geótopo "*Podocarpus sellowii*".

Segundo Franco (1997)²⁸, a Mata Atlântica é dividida em 4 partes (Ramos-norte, central, sul e intermediária), sendo a do Ramo norte um prolongamento da Floresta Tropical que recobre o litoral brasileiro, do Rio Grande do Norte até o estado do Espírito Santo. Sua formação é consequência da Corrente quente do Brasil, que provoca precipitações abundantes do litoral, sendo responsável pela formação vegetal Mata Atlântica.

²⁷ CUNHA, J. *Serra de Itabaiana: Potencial Biogeográfico e Perspectivas para Preservação e Conservação*. 1993. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1993.

²⁸ FRANCO, E. *As formações vegetais do Globo Terrestre: biocenologia*. Aracaju: UFS, 1997. Vol. 2.



A Mata Atlântica, uma ramificação da Floresta Tropical, acompanhou a evolução do clima durante a Era Quaternária. Nos períodos úmidos, a região de máximo de chuvas avançou sobre o cerrado e a caatinga, deixando relictos nas serras, cursos de água, locais úmidos. Nos períodos secos, a Caatinga avançou sobre a Mata Atlântica chegando até o litoral, onde deixou relictos (FRANCO, 1997, p. 128)²⁹.

Em Sergipe, a Mata Atlântica encontra-se compreendida no litoral e com maior densidade a sudeste do Estado, porém se estendia até Neópolis, Japaratuba, Itabaiana, Nossa Senhora das Dores e Itabaianinha. No município de Itabaiana, grande parte já foi devastada para a produção de lenha, madeira e agricultura, sobrando pequenas áreas no entorno da Serra de Itabaiana.

Na pesquisa de campo pôde-se observar a distribuição espacial da vegetação de Mata Atlântica no entorno da serra, cuja maioria está localizada no sopé, distribuída na vertente leste (E), de sudeste (SE) a sul, (S) e, na vertente oeste, (W) de noroeste (NW) a sudoeste (SW). Apresenta-se em pequenas e médias manchas, recobrando as margens dos riachos que nascem na serra e em relictos agrupados no topo, possuidora de estratificação variada que vai do primeiro nível (em menor quantidade) até o quarto (próximo ao solo). Devido à proximidade de espécies e o emaranhado das copas das árvores, ao se adentrar na mata observa-se a mudança de temperatura, o aumento da umidade e grande presença de solo orgânico originado da decomposição de folhas, raízes e plantas.

Durante a pesquisa foram encontradas, nos remanescentes de Mata Atlânticas existentes na serra, espécies nativas como a Sucupira (*Bowdichia virgilioides*), Pau-Pombo (*Tapirira guianensis*), Oiticica (*Clarisia racemosa*), Ingá-porca (*Sclerolobium densiflorum*), Biriba (*Eschweilera ovata*), Ouricuri (*Syagros comosa*), Piaçava (*Attalea sp.*), Umbaúba (*Cecropia sp.*), Bromélia (*Bromeliaceae*), Pau d'arco (*Tabebuia chrysotricha*), Alecrim (*Lantana sp.*), Pau de Leite (*Plumeria bracteata*), Murici da mata (*Byrsonima sericea*), Praíba

²⁹ Vide nota 28.



(*Simaruba versicolor*), Louro Branco (*Ocotea spp*), Maçaranduba (*Mamillara salzmanni*), Oiti (*Licania spp*), Orquídeas (*Orchidea*), Manacá, entre outras (FRANCO, 1997; SANTOS e ANDRADE, 1992; SERGIPE, 1979)³⁰.

A composição vegetal da Mata Atlântica é um elemento indicador do clima, pois à medida que ela adentra a oeste diminui a pluviosidade e consequentemente modifica-se a vegetação. Em um transecto de leste a oeste presenciam-se associações de pias e dunas, campos e matas de restingas, campos e matas de várzeas, matas de terra firme (de associações perenifólias até a caatinga) (FRANCO, 1997)³¹.

No transecto da serra de Itabaiana encontra-se a vegetação típica de Restinga, nativa de áreas de influência marinha, mas que aparecem na serra e provoca várias controvérsias sobre a sua verdadeira origem. Contudo, a teoria mais aceita é a de Aziz Ab'Saber, que afirma que a areia é oriunda dos processos erosivos no quartzito que compõe a serra e que, durante as oscilações climáticas da Era Quaternária, quando sobreveio um clima acentuadamente árido, formou "dunas fósseis" que, acumuladas em um tabuleiro na vertente leste, deram condições para a disseminação da vegetação típica de Restinga.

Nesse tipo de solo desenvolvem-se as espécies *Hancornia speciosa* Gomez (mangaba), *Manilkara salzaminni* (maçaranduba), *Anacardium occidentale* (cajueiro), *Melocactus bahiensis* (cabeça de frade), entre outros. (FRANCO, 1997; SANTOS e ANDRADE, 1992 e SERGIPE, 1979)³².

Já o Cerrado, que em Sergipe é popularmente chamado de Tabuleiro, por ser caracterizado "como um extenso planalto coberto com bosques de árvores, isoladas, dispersos no meio de um campo de gramíneas e ervas (...) vegetação intermediária entre a floresta e a caatinga" (SANTOS e ANDRADE, 1992)³³, se apresenta contínuo à vegetação típica de restinga, seu solo, segundo Sergipe (1979)³⁴, tem melhor teor em matéria orgânica que o de

³⁰ Vide notas 28, 24 e 22.

³¹ Vide nota 28.

³² Vide notas 28, 24 e 22.

³³ Vide nota 24.

³⁴ Vide nota 22.



restinga; e é siltico arenoso. Ele ocupa a vertente leste, de menores altitudes, e as áreas periféricas da serra.

As espécies mais conhecidas são o Cajueiro Bravo (*Plumeria spp*), Cajueiro (*Anacardium occidentale*), Murici (*Byrsomina spp*) Mangaba (*Hancornia speciosa Gomez*), Sucupira (*Bowdichia virgilioides*), Folha Larga, entre outros (SERGIPE, 1979)³⁵.

O Campo Rupestre é uma formação vegetal peculiar, de elevadas altitudes. É constituída por gramíneas, ervas, líquens e musgos, bem como por inúmeras bromélias e orquídeas. O pequeno porte desta vegetação está relacionado ao tipo de solo litólico, muito raso, (rochas expostas), à maior incidência solar, à mudança de temperatura e à presença constante de ventos fortes. Na Serra de Itabaiana ela já é encontrada a partir de 450m da altitude. "Nos campos rupestres há muito endemismo, pelo isolamento que tiveram no decorrer do tempo" (FRANCO, 1997)³⁶. "Endemismo, relativo a endêmico, que consiste no povoamento de uma determinada área por somente um tipo de espécie" (PELLEGRINI, 2002, p. 91)³⁷.

Entre as espécies endêmicas encontra-se o *Podocarpus sellowii* que, segundo Franco (1997)³⁸, se consocia com o Pinheiro do Paraná e que se dispersou isoladamente pela Chapada Diamantina, na Bahia, pela Serra de Itabaiana, em Sergipe, pelo Brejo dos Cavalos, em Pernambuco e pela Chapada do Araripe, no Ceará. Na Serra de Itabaiana encontram-se somente duas relíquias, de 12 e 15m de altura, no topo da serra, indicando as mudanças paleoclimáticas ocorrentes em tempos passados, que promoveram essa dispersão pelo país.

A diversidade florística e morfológica é responsável por abrigar espécies de animais, sejam elas em extinção ou não, e por proporcionar condições para a sua procriação. Durante a pesquisa de campo puderam ser observados vários tipos de aves, de beija-flores até aves de rapina, pequenos mamíferos, aracnídeos, anelídeos, répteis, entre outros. De acordo com Franco (1997), a Serra de Itabaiana tem uma diversidade faunística constituída de

³⁵ Vide nota 22.

³⁶ Vide nota 28.

³⁷ PELLEGRINI, A. *Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo*. São Paulo: Manole, 2000.

³⁸ Vide nota 28.



Paca (*Cuniculus paca*), Raposa (*Canis vetulus*), Tatupeba (*Euphactus sexcinctus flavimanus*), Tatu verdadeiro (*Dasypus novemcincta*), Gato do mato (*Felis tigrina*), Teiú (*Tupinambis tegulxin*), Lagartos (*Polychrus spp*), Sagüi (*Callithrix jacchus*), Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactylus*), Gavião (*Buteo spp*), entre outros, diversidade esta comprovada *In Loco* em conversas informais com o "Seu" Pedrinho, ex-caçador e hoje parceiro do IBAMA para a preservação da Serra, e Noel, vigia da Estação Ecológica.

AS ÁGUAS DA SERRA

A Serra de Itabaiana é dispersora de seis cursos d'água e suas várias nascentes. São eles: o Rio das Pedras, o riacho Coqueiro, o riacho da Água Fria, o riacho dos Negros e o riacho Vermelho, sendo os quatro últimos contribuintes do rio Jacarecica, importante afluente do rio Sergipe. Todos esses cursos são de grande importância para o abastecimento da população local e de grande potencial ecoturístico para o lazer e banho.

Todos os riachos formam uma drenagem de modelo dendrítico e sub-retangular, sendo alguns intermitentes. Os riachos da vertente Sul-Leste são os mais importantes (Riacho da Águas Fria, Riacho Coqueiro, Rio dos Negros, riacho Vermelho, Rio das Pedras), formam bacias de acumulação ao longo da Serra, formando pequenas lagoas escavadas na rocha (SERGIPE, 1979, p. 17).

São de interesse, neste estudo, as nascentes da vertente voltada para Leste, por deterem características de leitos encachoeirados e perpendiculares aos geofácies ocorrentes de Campo rupestre, Cerrado, Mata Atlântica, além de Mata de Galeria, que proporciona transecto de grande diversidade biológica.

A presença de cursos d'água perenes nesta vertente ocorre devido à composição geológica da serra, que permite, através das rochas porosas e das fissuras por entre as camadas, a emersão da água pelas vertentes da serra, o que origina uma drenagem dendrítica e bem encaixada em interflúvios tabulares oriundos do retrabalhamento da água.



Quanto ao clima, segundo Cunha (1993)³⁹, a Serra de Itabaiana apresenta clima megatérmico sub-úmido, de acordo com a classificação de THORNTHWAITE, devido ao fator altitude, posição geográfica, proximidade com o mar e vegetação. As chuvas são ocorrentes no período de março até outubro e o período seco de novembro até fevereiro, com nevoeiros durante todo o ano.

Por estar na posição quase central do Estado, a serra possui um clima de transição entre o litoral úmido e o sertão semi-árido, representando uma barreira para a passagem de chuvas para o sertão. As chuvas orográficas são constantes na vertente leste, possibilitando precipitações e umidade maiores do que na vertente oeste.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Essas características físicas da Serra de Itabaiana dão as primeiras condições para que se levante o seu potencial ecoturístico, assim como a aplicabilidade dos conceitos de ecoturismo na área localizada, isso porque, no aspecto cultural, esta serra também se destaca pela sua riqueza folclórica, religiosa e histórica, observada na pesquisa de campo.

Um outro estudo, cujo conteúdo serviu de comparação nas visitas realizadas, foi o de Santana (2002, p. 59)⁴⁰, que afirma a realização de manifestações folclóricas com quase 20 anos de existência ininterrupta, destacando-se a Via-sacra na Serra de Itabaiana, sendo um dos pontos altos em nossa religiosidade (...). Os preparativos começam sempre pelas quatro horas da manhã, com a chegada dos penitentes à Matriz de Itabaiana; em seguida tomam viaturas em direção ao Poço das Moças, pia natural de banho no riacho dos Negros (...). De lá e a pé, seguem por trilha estreita e acidentada rumo ao cume da serra.

³⁹ Vide nota 27.

⁴⁰ SANTANA, V. B. *Serra de Itabaiana: das brumas do imaginário à cerca invisível*. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2002.



São mitos, lendas, festejos, manifestações folclóricas, histórias e estórias, artesanatos, gastronomia e costumes. Entre elas, a lenda do Carneiro de Ouro, da Serra que explode Ouro, da jovem índia Itabaiana, manifestações da religião candomblé, católica, de espiritualistas e até de quem acredita em extra terrestres.

Na visita de campo, observou-se o quanto a serra representa para a população local. Ela é tomada como um elemento do seu cotidiano, relatada em "causos", na busca do lazer, na retirada de remédios naturais, rituais espirituais e religiosos nos riachos e, principalmente, com sentimento preservacionista. Esse sentimento vem sendo bastante trabalhado por uma ação contínua do IBAMA no local. As pessoas que antes cortavam árvores para a extração da madeira, ou então caçavam, hoje já buscam outros meios de obter madeira e não mais estão caçando os animais da serra, desta forma, favorecendo a manutenção de um geossistema ímpar para o Estado de Sergipe.

De fato, as trilhas percorridas no trabalho de campo nos levaram a diversas sensações, ao vivenciarmos a rara beleza que é a Serra de Itabaiana, com sua paisagem heterogênea, de rara significação de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tocante à contemplação da paisagem, a Serra de Itabaiana possui o seu diferencial. Segundo Santos (1979)⁴¹, paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Ela pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério [...] podendo essa paisagem ser artificial, "aquela transfor-

⁴¹ Vide nota 28.



mada pelo homem", como também, natural, aquela ainda não mudada pelo esforço humano (SANTOS, 1979)⁴².

Baseando-se nas concepções de Santos e na metodologia empregada por Beni, observou-se que a Serra de Itabaiana enquadra-se nas classificações de paisagem, contendo uma heterogeneidade de elementos paisagísticos que dão suporte à contemplação; são paisagens florísticas, faunísticas, geomorfológicas e até artificiais, a exemplo da contemplação, à distância, das cidades de Itabaiana, Areia Branca, povoados circunvizinhos e até, Aracaju, como também de açudes e barragens existentes no entorno.

Observou-se a ocorrência da aproximação dos dados como a matriz metodológica montada a partir de Beni (2002)⁴³. Na pesquisa de campo, embasada no referencial teórico e nos instrumentos técnicos utilizados, pôde-se levantar, pontualizar e fichar os possíveis atrativos do riacho dos Negros voltados para o ecoturismo.

Com base no levantamento bibliográfico e documental com foco no ecoturismo, para o levantamento do potencial pertinente ao riacho dos Negros, na Serra de Itabaiana, observou-se que a mesma dispõe de atrativos condicionantes à prática do ecoturismo. Seus atrativos naturais estão de acordo com os especificados na literatura ecoturística, bem como a sua estrutura física, possibilita o fomento dessa atividade em consonância com a preservação.

Por ser uma modalidade do turismo que utiliza o meio ambiente de forma sustentável, buscando manter o equilíbrio entre a atividade econômica e a conservação ambiental, a Serra de Itabaiana constitui um "complexo" natural, observado no contato com a área, que disponibiliza a prática de certas modalidades intrínsecas ao ecoturismo.

Como exemplo, a área delimitada para este estudo apresenta possibilidade da prática do *trekking*, escalada, *rapel*, caminhadas, além da apreciação da natureza em mirantes distribuídos por toda a serra, roteiros fotográficos, banhos em piscinas naturais e quedas d'água, de manifestações religi-

⁴² Vide nota 28.

⁴³ Vide nota 18.



osas e culturais que envolvem e valorizam a comunidade local, bem como de uma estrutura física disponível para a criação, segundo Pellegrini (2002)⁴⁴, de um Centro de Interpretação da Natureza, que consiste em disponibilizar aos visitantes e pesquisadores práticas de educação ambiental e espaço para pesquisas.

É grande a complexidade do ecoturismo enquanto atividade que se baseia no desenvolvimento sustentável, por necessitar de um planejamento consistente e de viabilidade de desenvolvimento a médio e longo prazo, gerando rentabilidade quando aplicado de forma correta e segura, explorando conscientemente elementos naturais de muita sensibilidade.

Do ponto de vista da prática do ecoturismo enquanto consumo, a Serra de Itabaiana pode ser considerada como desencadeadora do desenvolvimento sustentável local. Embora este não tenha sido o foco de nosso estudo, a possibilidade do desenvolvimento local sustentável através do ecoturismo é uma alternativa que poderá se tornar viável na Serra de Itabaiana, pela possibilidade de mudança da categoria de Unidade de Conservação inicialmente pretendida para a serra (hoje Estação Ecológica), ratificando a importância do levantamento do potencial ecoturístico realizado neste trabalho.

⁴⁴ Vide nota 37.

